



Do Natural ao Humano: traçando alguns panoramas da Idade do Ferro no Norte Bretão

Doutorando Pedro Vieira da Silva Peixoto (NEREIDA/UFF)

Resumo: Ao longo da última década, diferentes olhares e estudos vêm sendo propostos acerca de questões associadas à paisagem, à relação do homem no espaço e à construção de identidades a partir da vivência e experiência do “ser-no-mundo”. Para a historiografia este processo representou, em parte, uma renovação como, também, um alargamento do campo de estudos, sobretudo ao estabelecer um diálogo com outras áreas do saber humano, como a Arqueologia, a Geografia, a Geologia, a Psicologia Ambiental dentre outras. Elaborado para o V Simpósio Nacional e IV Internacional de Estudos Célticos e Germânicos cuja temática era “Paisagem e Natureza”, este artigo tem por objetivo discutir alguns aspectos fundamentais associados à paisagem da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas. O enfoque estará direcionado sobre a região do norte bretão, correspondente à área atualmente ocupada pelo distrito de East Riding of Yorkshire. A partir deste recorte específico, serão debatidas as próprias potencialidades do estudo da paisagem para os estudos históricos, chamando-se a atenção para possíveis campos de pesquisas a serem desenvolvidos, como, por exemplo, a construção de uma paisagem ancestral e dos mortos. O que se busca é apresentar ao público um panorama social e histórico a partir de alguns traços específicos (físicos e culturais) da localidade durante a Proto-história.

Palavras-chave: Paisagem, East Yorkshire, Idade do Ferro.

From the Natural to the Human: an Overview of the Iron Age in Northern Britain

Abstract: Throughout the past decade, various studies and viewpoints have been developed around three interrelated topics: that of landscapes, that of the relationship between man and space, and that of identities constructed through existence and the experience of “being-in-the-world.” For historiography, this process has represented not only a reshaping, but also a widening of the field of study and a strengthening of the dialogue between history and other areas of human knowledge, such as archeology, geography, geology and environmental psychology, among others. This article was originally written for the 5th National and 4th International Symposium on Celtic and Germanic Studies, which focused on the theme “Landscapes and Nature.” The paper will seek to discuss the fundamental ideas associated with British Iron Age landscapes, and will focus on an area in northern Britain that currently corresponds to East Riding of Yorkshire. Given this specific setting, the article will then discuss the possibilities for landscape study in history, calling attention to possible fields of research to be developed, such as the construction of ancestral landscapes. Overall, this paper will aim to present a social and historical overview of some of the distinctive (physical and cultural) features of Yorkshire Wolds during the Iron Age.

Keywords: Landscape, East Yorkshire, Iron Age.

I.

Área ainda pouco estudada pela historiografia brasileira, o norte bretão é, sem dúvidas, uma das regiões mais intrigantes das Ilhas Britânicas durante o período que convencionalmente ficou conhecido como Idade do Ferro (séc. VIII a.C. – I d.C.). Trata-se de uma localidade ímpar em suas múltiplas especificidades, mas, ao mesmo tempo, em plena consonância com as demais regiões vizinhas daquilo que ficou academicamente conhecido como “a Europa celta”: um território marcado tanto pelos contatos entre as comunidades ali assentadas como destas com outras ainda mais longínquas (no caso do norte bretão, sobretudo, em relação àquelas do sul bretão, da Irlanda e do norte da França).

Dessa ampla região, apresento aqui, aos leitores, um recorte específico, voltado para a costa leste do atual norte inglês em um território hoje delimitado pelo distrito de East Riding of Yorkshire. Mais especificamente, uma área conhecida como Yorkshire Wolds.

Ainda que a escolha tenha se dado por motivos diversos, gostaria de esclarecer dois dos principais aspectos pelos quais julgo necessária a escrita de um artigo como o presente. Primeiramente é preciso dizer que Yorkshire Wolds possui um enorme potencial de estudos históricos e arqueológicos tendo em vista a própria diversidade da cultura material encontrada no local. A área abriga alguns dos maiores e mais numerosos cemitérios da Idade do Ferro já registrados – alguns sítios, como os de Danes Graves e Burton Fleming, contêm cemitérios com mais de 500 inumações – oferecendo um rico campo de estudos sobre os mais diversos aspectos da ação humana no tempo, como processos de ritualização do próprio viver (e morrer), de construções de diferenciações econômicas e sociais (gênero, *status*, questões etárias) dentre outros.

Em segundo lugar, espero que um artigo como este, ainda que introdutório – afinal, trata-se apenas de uma breve contextualização em um universo de possibilidades de pesquisas –, possa preencher uma lacuna existente na historiografia em língua portuguesa quanto ao estudo dessa área. Consiste, portanto, em criar uma base (necessária) a ser compartilhada: um ponto de partida (para futuras pesquisas e, quiçá, pesquisadores!) que irá apresentar e delimitar a área de Yorkshire Wolds a partir de suas múltiplas configurações: da descrição de seu paleoambiente às relações históricas e sociais lá construídas.

II.

A região dos Wolds em Yorkshire consiste basicamente em um conjunto de baixas colinas formando um arco em C a partir do estuário Humber até o Mar do Norte próximo a Flamborough Head, onde tomam a forma de penhascos acentuados junto ao mar entre Bempton and Flamborough. A região possui uma forte unidade topográfica marcada por pequenos platôs com declives suaves cortados por encostas e vales secos, isto é, vales privados permanentemente ou sazonalmente de cursos d'água em sua base (conhecidos como *dales* ou *slack(s)*), que podem atingir altitudes variantes entre 50–200m, tendo seu ponto mais alto em Bishop Wilton Wold (c. 245m).

Geograficamente, o local é delimitado por três áreas circunvizinhas: (1) ao sul e a leste encontra-se a planície de Holderness, uma área mais baixa e úmida que beira a costa do Mar do Norte; (2) ao norte, o Vale de Pickering, uma região de menor altitude que separa os Wolds de Yorkshire Moors, uma outra região elevada; (3) e a oeste, o Vale de York: uma área, novamente, mais úmida e de menor altitude.

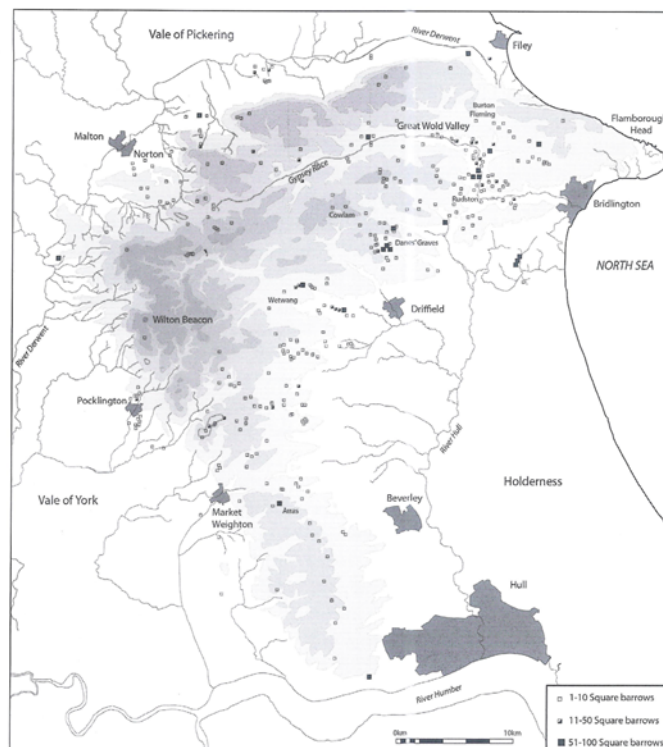


Fig. 1: Mapa de Yorkshire Wolds e seus arredores. Em destaque a distribuição de cemitérios com tumbas quadrangulares, característicos da região. Fonte: GILES, 2012: 8, fig. 1.3.

Geologicamente, o solo dos Wolds é caracterizado pela presença de calcário vermelho (*red chalk*), cujas origens remetem ao período Cretáceo: período que corresponde a aproximadamente 145.5–65.5 milhões de anos na escala do tempo geológico. No Cretáceo tardio (cerca de 100 milhões de anos atrás), a área banhada pelo Mar do Norte localizava-se 10° ao sul e o próprio nível das águas do mar encontrava-se elevado por algumas centenas de metros. O calcário encontrado na região leste da costa inglesa é fruto de aproximadamente 35 milhões de anos de reações consequentes da concentração de esqueletos de algas planctônicas calcificados (cocolitoforídeos) na região (NEAL, 2009: 9).

A formação calcária dessas colinas faz com que boa parte da terra seja relativamente seca ou drenada o que, para alguns autores como Wrathmel (2005: 1), deve ter contribuído para o assentamento humano nessas áreas, desde tempos pré-históricos. No entanto, enchentes regionais eram comuns e podiam ocorrer nas áreas mais baixas dos vales fazendo com que as partes mais altas fossem estrategicamente destinadas à agricultura (PECK, 2009: 14-5). Ao longo do primeiro milênio a.C., estima-se também que as águas do estuário Humber se encontrassem a 2,7m acima do nível atual (ANTHOONS, 2011: 16-7; STOERTZ, 1997: 1-3).

Contudo, para além do Humber, a região dos Wolds conta ainda com alguns poucos cursos d'água abastecidos por nascentes nomeadas *gypseys*. Esses rios, por sua vez, costumam ser do tipo intermitente: isto é, seu fluxo varia passando por intervalos de cheias (geralmente, em torno da primavera) e outros de menor quantidade fluvial. O maior de todos eles é chamado Gypsey Race e chega a percorrer e banhar diversas localidades do Great Wold Valley – o maior e mais amplo vale da região. Durante a Idade do Ferro, esses *gypseys* desempenharam um importante papel envolvendo escolhas para locais de assentamento e questões associadas a rituais religiosos, inclusive no que diz respeito à localização de alguns enterramentos (ANTHOONS, 2011: 16; RAMM, 1978: 3).

Yorkshire testemunhou, ainda, durante a Idade do Bronze tardia, uma sistematização e divisão de terras que passaram a ser dedicadas, por um lado, à agricultura e, de outro, a pastagens para o gado (HEY, 2011: 17). Com efeito, o primeiro milênio a.C. na região foi marcado por uma intensificação do uso da terra e por um crescimento populacional constante. Nos Wolds, mais especificamente de 400 a.C. em diante, esses fatores se associaram às seguintes ocorrências:

□ uma ocupação constante de casas de plantas circulares com diâmetros normalmente entre 6,5m–9,5m, mas que poderiam variar de \varnothing 4m até 13m (cf. ANTHOONS, 2011: 76-7; CUNLIFFE, 2005: 308; HEY, 2011: 25). A partir do séc. III e II a.C., no entanto, as habitações reconstruídas a partir das mesmas fundações tendem a se concentrar em pequenos núcleos formados por três ou quatro construções delimitadas por cercas que englobam um campo comum, formando um pequenino complexo domiciliar (cf. GILES, 2007b: 240);

□ uma reestruturação de assentamentos, inicialmente do tipo aberto (isto é, sem fortificações/cercamentos) que, gradualmente, foram adotando um modelo fechado–linear característico à região e conhecido arqueologicamente como *ladder settlements* (cf. ANTHOONS, 2011: 76; CHADWICK, 2009: 44; CUNLIFFE, 2005: 309; HEY, 2011: 32; MUIR, 1997: 128). Este modelo, por sua vez, parece estar vinculado a questões de crescimento demográfico e, sobretudo, de reconfiguração das noções de comunidade, posse e direitos de acessos à terra. Ao mesmo tempo, revela-nos, também, o estabelecimento de novas divisões e marcos sociais na paisagem (GILES, 2007a; 2007b);

□ uma amplificação das áreas cultivadas e uma intensificação das atividades agrícolas (incluindo-se, aí, um sistema de agricultura mista) e da pecuária, coincidentes com o aumento significativo do desmatamento de matas locais (CUNLIFFE, 2005: 307; HALKON & INNES, 2005; HEY, 2011: 24; PECK, 2009: 15).

As escavações realizadas em Garton e Wetwang Slack revelaram ainda a importância que o cultivo de grãos, associado à pecuária, desempenhava na economia local. Este aspecto tornou-se evidente, sobretudo, a partir da descoberta de vários grãos carbonizados, poços de armazenamento (muitas vezes localizados no interior das próprias casas) e pela existência de celeiros, que após uma datação por radiocarbono foram localizados como pertencentes ao século V-IV a.C. (CUNLIFFE, 2005: 308).

No tocante à pecuária, a análise de ossadas encontradas em diversos sítios da Idade do Ferro nos Wolds atesta a existência de uma criação de gado variado, englobando bovinos, ovinos, suínos e equinos. Um estudo feito a partir das evidências descobertas em Grimthorpe revelou as seguintes porcentagens:

Porcentagens de ossadas animais encontradas em Grimthorpe	55%	gado bovino
	25%	ovelhas
	7,8%	porcos
	7,3%	cavalos
<i>Fonte:</i> CUNLIFFE, 2005: 307		

Tabela 1: Porcentagem de ossadas animais encontradas em Grimthorpe.

Como destaca Cunliffe (2005: 307), o consumo de carne bovina parece, portanto, corresponder a 82,4% do total de carne consumida pela população local. Análises mais específicas das ossadas revelaram ainda que boa parte do rebanho (70%) era mantida, ao menos, durante o intervalo de dois invernos antes de ser consumida, ao passo que outros animais como ovelhas eram abatidos constantemente. Em termos sócio-históricos esta ocorrência representa um dado importante: ela nos aponta para a existência de um sistema econômico relativamente estável e seguro, capaz de lidar com períodos frios de inverno, mantendo-se um nível de estocagem de alimentos considerável que vinha tanto da criação de animais como do cultivo combinado de leguminosas e cereais (CUNLIFFE, 2005: 307). Mais ainda, estudos realizados a partir da análise de isótopos estáveis de carbono e nitrogênio ($\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$) de 62 esqueletos encontrados no cemitério de Wetwang Slack (JAY & RICHARDS, 2006) parecem, ainda, corroborar os dados anteriormente apresentados: os altos níveis de proteína, obtidos a partir dos testes e associados à identificação de características típicas de uma dieta baseada no consumo predominantemente de carne vermelha, dialogam perfeitamente com as demais evidências arqueológicas obtidas a respeito da criação de gado em boa parte desses sítios.

Outro aspecto importante a ser destacado é o de que durante toda a Idade do Ferro a área dos Wolds aparece ainda marcada por uma complexa série de estruturas lineares de terras (*linear earthworks*) que consistem, basicamente, em uma alteração do nível do solo causada pelo agenciamento humano. Em Yorkshire, uma parte dessas estruturas pode

ainda ser observada diretamente na paisagem, tendo sido objeto de estudos e debates desde o final do séc. XIX até início do XX (cf. MORTIMER, 1905). A maioria desses trabalhos, entretanto, é identificada através do uso de fotografias aéreas ou *plotadas* a partir do uso de novas tecnologias óticas como o LIDAR (*Light Detection And Ranging*), a fim de, em última instância, construir-se uma modelização tridimensional da área observada, fazendo-se uso de um Sistema de Informação Geográfica (GIS) (Cf. STOERTZ, 1991 para uma síntese de análises e de fotografias da paisagem pré/proto histórica em Yorkshire).

Pode-se dizer que essas estruturas de terra representavam um traço característico da paisagem regional e suas extensões eram variadas, chegando a cobrir uma distância de vários quilômetros. Ainda que parte de suas significações suscite debate entre historiadores e arqueólogos, parece certo que as estruturas lineares de terra construídas em Yorkshire tinham como uma de suas funções servirem como vias ou rotas antigas (*trackways* ou *droveways*, como ficaram conhecidos pela historiografia inglesa), que se estendiam ao longo dos assentamentos e conectavam diferentes áreas e regiões dentro de uma área maior de trabalhos de terra formando uma verdadeira rede interligada, além de servirem muitas vezes como diques e marcos fronteiros (cf. ANTHOONS, 2011: 75). Não obstante, é visível sua funcionalidade prática e cotidiana para a vida social: além de estarem associadas a um “calendário” agrícola possibilitando uma divisão e regeneração da terra, essas alterações na terra proporcionavam acesso a localidades variadas por diferentes grupos e permitiam a movimentação de recursos, bens estocados e presença de pessoas até áreas de pasto, colheitas, extração mineral e fontes d’água (GILES, 2007a: 107-9).

Sejam elas frutos de uma manipulação da paisagem por uma elite local (HALKON, 2008: 159) ou o resultado de uma ação comunal ou conjunta entre comunidades circunvizinhas (FENTON-THOMAS, 2003), essas estruturas de terra formavam uma complexa malha interconectada de trabalhos de terra que, além de criar configurações espaciais particulares a partir de diferentes disposições e elementos espaciais, era, também, capaz de reinserir e ressignificar antigos monumentos em sua área de projeção. Nos Wolds isso se torna visível em especial ao observarmos as configurações elaboradas em alguns cemitérios locais. Apresento, aqui, a planta das escavações realizadas no cemitério de Wetwang Slack:

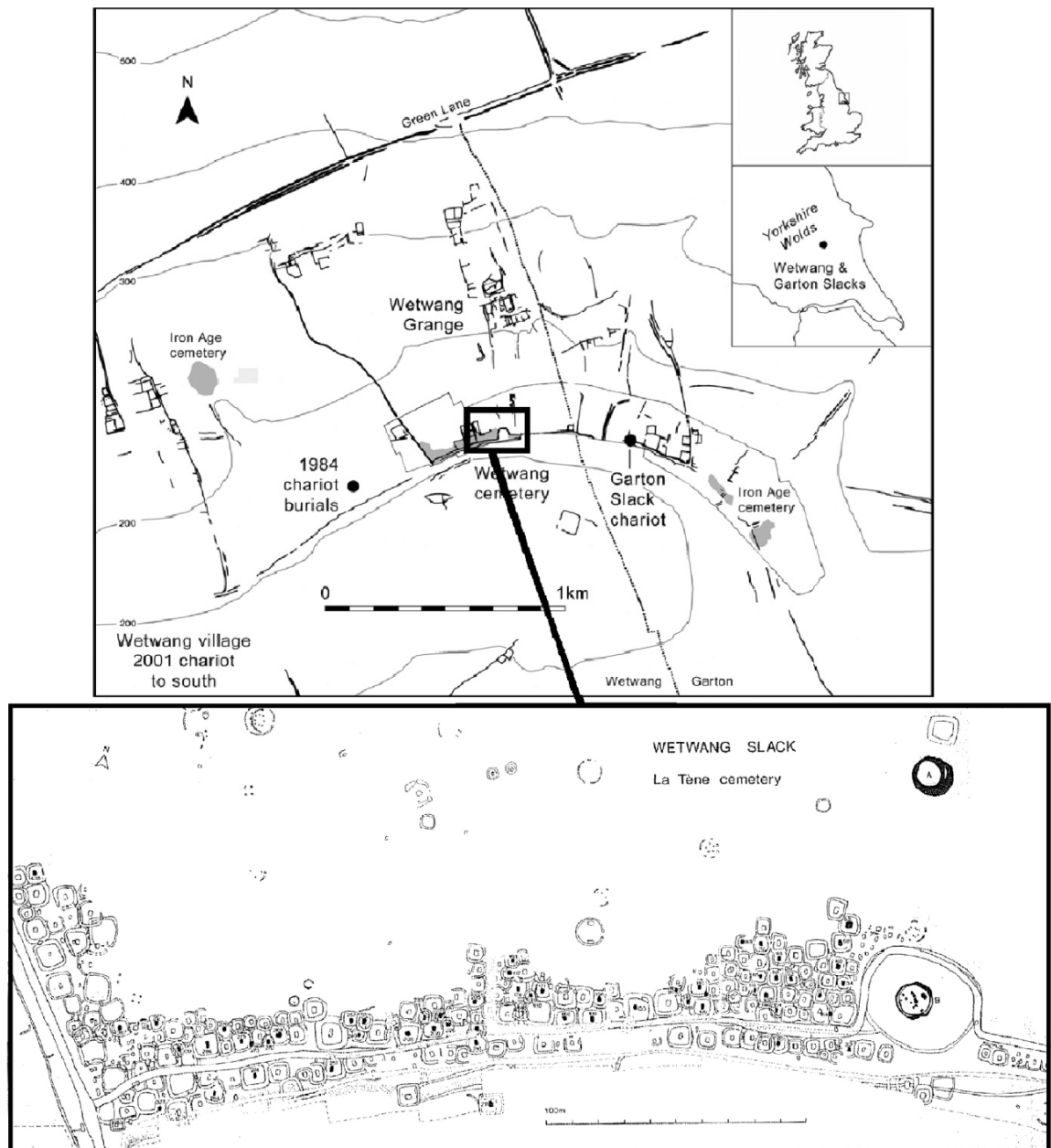


Fig. 2: O cemitério de Wetwang Slack. Fontes: JAY et al., 2012: 163, fig. 1; DENT, 1982 : 440, fig. 3.

A primeira imagem revela-nos uma área mais ampla e interconectada: já aí, é visível a união entre as regiões de Garton e Wetwang através de uma série de vias construídas que se estendem a leste-oeste e norte-sul ao longo do vale. É possível observar, em especial, a existência de dois grandes processos de terraplanagem através de rotas, tanto ao norte (no topo do vale) como a sul (na base), formando um verdadeiro corredor. Em uma visão mais ampla, é possível observar, ainda, que essas vias se estendem em ambas as direções até

regiões vizinhas desde Blealands Nook (a oeste), passando por Wetwang e Garton até Elmswell (a leste) (Cf. STOERTZ, 1997: fig. 43; DENT, 1984: 16, fig: 1.2).

A segunda imagem traz um olhar aproximado da área destacada na figura anterior. Trata-se de uma planta do cemitério de Wetwang Slack em que gostaria de chamar a atenção para alguns aspectos em particular.

Os enterramentos encontrados em Wetwang seguem o típico modelo de enterramento encontrado nos demais cemitérios da região de Yorkshire durante a Idade do Ferro: isto é, tumbas quadrangulares, conhecidas pela historiografia inglesa como “square-ditched barrows” (cf. STEAD, 1961, 1965, 1979). Como se pode ver, o cemitério é cortado por uma estrutura linear, construída em torno do séc. III a.C., que se estende a leste-oeste com uma bifurcação em sua extremidade oeste. Os enterramentos situados ao norte dessa rota são cronologicamente posteriores àqueles situados ao sul e estima-se que as tumbas mais antigas sejam aquelas localizadas a oeste, embora ao longo de todo o cemitério seja possível observar um crescimento tanto para leste como para oeste (DENT, 1984: 38). O desenvolvimento e a organização dada a essas tumbas, com o passar dos anos formando uma verdadeira “paisagem dos mortos”, e suas configurações espaciais parecem, portanto, possuir um nítido vínculo com a via construída no local, que além de suas outras funções, apresentava-se, também, como uma espécie de sistema regulador (criando um senso de orientação espacial e temporal). Isso não impedia, contudo, que sobreposições, por vezes, existissem, sobretudo nos períodos mais tardios.

Importante ainda é observar que o montículo situado no canto leste do cemitério corresponde a uma tumba circular da Idade do Bronze. Observamos, portanto, que séculos depois, não apenas enterramentos continuaram a ser sucessivamente construídos ao seu redor, como também que sua estrutura circular tenha sido preservada e mantida muito após sua construção, mesmo no momento de terraplanagem e elaboração da rota que corta o cemitério. Ao invés de destruir a construção anterior, ignorá-la ou criar um desvio, a via construída no local foi intencionalmente elaborada de modo a se estender em direção ao montículo da Idade do Bronze, circundando e colocando-o em evidência.

Deparamo-nos, portanto, diante de um rico cenário de construções e projeções socioculturais por parte de agentes históricos no meio em que habitam. Na região dos Wolds isso se torna visível em especial a partir da existência de estruturas lineares construídas durante a Idade do Ferro que direcionam-se para ou são construídos junto a antigos marcos na paisagem como, no caso anteriormente mencionado, os montículos

circulares que datam da Idade do Bronze, englobando-os, valorizando-os e criando uma espécie de vínculo entre passado e presente.

Isso indica uma manipulação ativa e consciente do passado – expressa através da materialidade da paisagem – a fim de servir a novos propósitos [do presente vivido]. Mais ainda, parece colocar em evidência que questões associadas à riqueza, divisões espaciais, poderes e configurações de direitos estavam relacionadas, até um certo nível, a aspectos de ancestralidade bem como a manipulação desses elementos por certos indivíduos: nesses casos, através das múltiplas reconfigurações e experiências construídas *na* (e *através da*) paisagem. Como Giles (2007a: 113) destacou, esses monumentos, muito além de simples marcos territoriais, devem ser entendidos como uma tentativa constante e arquitetada de se interligar paisagens – reais ou míticas – que, por sua vez, acabava culminando na criação de uma série de conexões e identidades ao longo do processo.

III.

Partindo de uma apresentação do paleoambiente até chegar a uma discussão de certas interações e construções sociais, indo do físico ao cultural, do natural ao humano, espero que os leitores possam ter sido capazes de encontrar, nesse introdutório artigo, um primeiro contato com um universo ainda pouco familiar de pesquisas. Não deixa de ser um desafio ao mesmo tempo que um estranhamento: mas qual produção historiográfica não o é?

Dados os primeiros contatos, segue-se a espera.

Resta, assim, aguardar e torcer para que pesquisas futuras sejam capazes de cobrir e problematizar diversos outros aspectos relacionados à Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas (e no continente) e que, cada vez mais, pesquisadores brasileiros deixem-se ousar e se lançar em empreitadas historiográficas inéditas, traçando rumos variados, direcionando olhares diversos e propondo novos objetos de estudo. Olhando-se para trás e fazendo um balanço das mudanças e processos de renovação ocorridos nas últimas décadas no seio da produção brasileira de conhecimento histórico, em particular àquela voltada aos estudos das sociedades antigas e o alargamento e consolidação desse próprio campo de estudos no Brasil, talvez não seja descabido apostar em um resultado positivo e revigorante para o futuro que se aproxima.



Referências Bibliográficas:

- ANTHOONS, Greta (2011), *Migration and elite networks as modes of cultural exchange in Iron Age Europe: a case study of contacts between the Continent and the Arras Culture*, Bangor, Bangor University.
- CHADWICK, Adrian. (2008), *Fields for Discourse. Landscape and Materialities of Being in South and West Yorkshire and Nottinghamshire during the Iron Age and Romano-British Periods. A Study of People and Place (vol. I-III)*, Newport, University of Wales.
- CHADWICK, Adrian. (2009), *The Iron Age and Romano-British Periods in West Yorkshire*, Wakefield, West Yorkshire Archaeology Advisory.
- CUNLIFFE, Barry (2005) *Iron age communities in Britain: an account of England Scotland and Wales from the seventh century BC until the Roman conquest*, London, Routledge.
- DENT, J. S. (1982), Cemeteries and Settlement Patterns of the Iron Age on the Yorkshire Wolds, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 48, 1982, p. 437-457.
- DENT, J. S. (1984), *Wetwang Slack: an Iron Age cemetery on the Yorkshire Wolds*, Sheffield, University of Sheffield.
- FENTON-THOMAS, C. (2003), *Late prehistoric and early historic landscapes of the Yorkshire Chalk*, Oxford, British Archaeological Reports.
- HALKON, Peter (2008), *Archaeology and Environment in a Changing East Yorkshire Landscape: the Foulness Valley c. 800 BC to c. AD 400*, Oxford, British Archaeological Reports.
- HALKON, P.; INNES, J. B. (2005), Settlement and Economy in a Changing Prehistoric Lowland Landscape: An East Yorkshire (UK) Case Study, *European Journal of Archaeology*, 8, 2005, p. 225-259.
- GILES, M, (2007a), Refiguring rights in the Early Iron Age landscapes of East Yorkshire, In HASELGROVE, C.; POPE, R., *The Earlier Iron Age in Britain and the near Continent*, Oxford, Oxbow Books, p. 103-18.
- GILES, M. (2007b), Good fences make good neighbours? Exploring the ladder enclosures of Late Iron Age East Yorkshire, In: HASELGROVE, C.; MOORE, T., *The Later Iron Age in Britain and Beyond*, Oxford, Oxbow Books, p.235-49.
- GILES, M. (2012), *Forged Glamour: Landscape, Identity and Material Culture in the Iron Age*, Oxford, Windgather.
- HEY, D (2011), *A History of Yorkshire*, Lancaster, Carnegie.



- JAY, M.; HASELGROVE, C.; HAMILTON, D.; HILL, J.D.; DENT, J. (2012), Chariots and context: New radiocarbon dates from Wetwang and the chronology of Iron Age Burials and Brooches in East Yorkshire, *Oxford Journal of Archaeology*, 31(2), 2012, p.161–189.
- JAY, M.; RICHARDS, M. P. (2006), Diet in the Iron Age cemetery population at Wetwang Slack, East Yorkshire, UK: carbon and nitrogen stable isotope evidence, *Journal of Archaeological Science*, 33, 2006, p.653-62.
- MORTIMER, J. A (1905), *Forty Years' Researches in British and Saxon Burial Mounds of East Yorkshire*, London, A. Browns & Sons.
- MUIR, R. (1997), *The Yorkshire Countryside: a Landscape History*, Edinburgh, Keele University Press.
- NEAL, C. (2009), People and the environment: a geoarchaeological approach to the Yorkshire Wolds landscape (vol.1 e 2), York, University of York.
- PECK, J. J. (2009), *The Biological Impact of Culture Contact: A Bioarchaeological Study of Roman Colonialism in Britain*, Ohio, Ohio State University.
- RAMM, H. (1978), *The Parisi*, London, Duckworth.
- STEAD, I.M. (1961), A distinctive form of La Tène barrow in Eastern Yorkshire and on the Continent, *The Antiquaries Journal*, 41, 1961, p. 44-62.
- STEAD, I.M. (1965), *The La Tène cultures of Eastern Yorkshire*, York, Yorkshire Philosophical Society.
- STEAD, I.M. (1979), *The Arras Culture*, York, Yorkshire Philosophical Society.
- STOERTZ, C. (1997), *Ancient landscapes of the Yorkshire Wolds. Aerial photographic transcription and analysis*, Swindon, Royal Commission on the Historical Monuments of England.
- WILSON, D. R (2000), *Air Photo Interpretation for Archaeologists*, Stroud, Tempus.
- WRATHMELL, S. (2005), The Documentary Evidence, In TREEN, C.; ATKIN, M. eds., *Water Resources and their Management: Wharham Research Report*, York, University of York Press, p.1-8.

Sobre o autor: Pedro Peixoto é aluno de Doutorado em História na Universidade Federal Fluminense (UFF) e bolsista do CNPq, sob a orientação da Prof^a. Adriene Baron Tacla. É bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, além das pesquisas desenvolvidas no NEREIDA (UFF), atua também como Professor-Tutor à distância da



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) integrante do Consórcio CEDERJ/UAB e é editor da Revista Gaia (UFRJ).

E-mail para contato: peixotopvs@yahoo.com.br.